

ENSAIO TEÓRICO

# O CONCEITO FREIREANO DE LEITURA DO MUNDO NO LIVE ACTION DE BRANCA DE NEVE: O NANISMO DE PERFORMANCE CIRCENSE PERPETUADO PELA DISNEYFICAÇÃO



OPEN ACESS

Todo conteúdo de *Cadernos de Linguística* está sob Licença Creative Commons CC - BY 4.0.

**EDITORES**

- Tiago Aguiar (UFPB)
- Dermeval da Hora (UFPB)
- Jan Leite (UFPB)
- Álvaro da Silva (UFPB)
- Erivaldo do Nascimento (UFPB)

**AVALIADORES**

- Rafaelle Araújo (UFPB)
- Erivaldo Nascimento (UFPB)

**SOBRE OS AUTORES**

- Julio Cesar Machado  
Conceitualização; Escrita – Rascunho Original; Escrita – Revisão e Edição.
- Fabiana Rosa das Graças Teodoro  
Conceitualização; Escrita – Rascunho Original; Escrita – Revisão e Edição.

Recebido: 01/03/2025

Aceito: 07/08/2025

Publicado: 04/12/2025

**COMO CITAR**

MACHADO, J.C.; TEODORO, F.R.G. (2025). O conceito freireano de *leitura do mundo* no *live action* de Branca de Neve: o nanismo de performance circense perpetuado pela disneyficação. *Cadernos de Linguística*, v. 6, n. 5, e828.

Julio Cesar MACHADO

Departamento de Letras e Linguística – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, Brasil

Fabiana Rosa das Graças TEODORO

Departamento de Letras e Linguística – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, Brasil

**RESUMO**

Este artigo debruça-se sobre um modo particular de aplicar o conceito de *leitura do mundo*, de Paulo Freire, ao *live action* de Branca de Neve (Webb, 2025), especificamente à representação do sujeito com nanismo (os sete anos). A *leitura do mundo* será operada afetada por preocupações das teorias Semântica Argumentativa e Análise de Discurso, tal como temos desenvolvido. O objetivo é aprofundar o conceito de *ler contos de fadas* através de uma perspectiva social, política, argumentativa e discursiva. Para o cuidado argumentativo, consideraremos epistemologias de Oswald Ducrot e Marion Carel sobre a linguagem e a enunciação; para o cuidado discursivo consideraremos a historicidade da/n linguagem e no seu uso, propostos por Michel Pêcheux; Para o cuidado de Paulo Freire, consideraremos uma tripla temporalidade semântica: um passado de luta social e política, um presente dessa luta e uma perspectiva futura dessa mesma luta, mobilizados pelos conceitos de *leitura precedente*,





*leitura posterior e leitura contínua.* Ler um conto de fadas, aqui um *live action*, é produzir sentidos sócio-políticos que, longe de simples entretenimento, (re)significam grupos sociais à luz de suas lutas, quando menosprezam certos sujeitos (aqui, sujeitos com nanismo) e privilegiam outros (aqui, sujeitos defensores de certa estética belo-europeia e acrítica).

#### PALAVRAS-CHAVE

Contos de Fadas; Leitura; Argumentação; Perspectiva Sociopolítica.

#### TITLE

FREIREAN CONCEPT OF READING THE WORLD IN THE LIVE ACTION OF SNOW WHITE: THE DWARFISM OF CIRCUS PERFORMANCE PERPETUATED BY DISNEYFICATION

#### ABSTRACT

This article focuses on a particular way of applying Paulo Freire's concept of reading the world to the *live action* of Snow White (Webb, 2025), specifically to the representation of the subject with dwarfism (the seven dwarfs). The reading of the world will be operated affected by concerns of the theories of Argumentative Semantics and Discourse Analysis, as we have developed. The objective is to deepen the concept of reading fairy tales through a social, political, argumentative and discursive perspective. For argumentative care, we will consider Oswald Ducrot and Marion Carel's epistemologies on language and enunciation; for discursive care, we will consider the historicity of/in language and its use, proposed by Michel Pêcheux; for Paulo Freire's care, we will consider a triple semantic temporality: a past of social and political struggle, a present of this struggle and a future perspective of this same struggle, mobilized by the concepts of previous reading, subsequent reading and continuous reading. Reading a fairy tale, in this case a *live action*, is to produce socio-political meanings that, far from being simple entertainment, (re)signify social groups in light of their struggles, when they belittle certain subjects (here, subjects with dwarfism) and privilege others (here, subjects who defend a certain uncritical, beautiful-European aesthetic).

#### KEYWORDS

Fairy Tales; Reading; Argumentation; Socio-Political Perspective.



## INTRODUÇÃO

Este artigo debruça-se sobre um modo particular de aplicar o conceito de *leitura do mundo*, de Paulo Freire, imbricando teorias da Semântica Argumentativa e Análise de Discurso francesa, tal como temos desenvolvido e proposto em Machado (2024). O objetivo é, portanto, aprofundar o conceito de *ler contos de fadas* – pela nossa perspectiva, sempre social e política – à luz das contribuições de Paulo Freire, sobretudo, valendo-nos de uma forma específica de *ler o mundo*, aos cuidados argumentativos, discursivos e freireanos.

Para o cuidado argumentativo, consideraremos epistemologias de Ducrot (1987) e Carel (2011) sobre a linguagem e a enunciação; para o cuidado discursivo, consideraremos a historicidade da/na linguagem e no seu uso; e para o cuidado freireano consideraremos, sobretudo, uma tripla temporalidade de um passado de luta social e política, um presente dessa mesma luta, e uma perspectiva futura dessa mesma luta. Ler um conto de fadas, e aqui um *live action*, é produzir sentidos sócio-políticos nessa envergadura social, política que, longe de simples entretenimento, (re)significa grupos sociais, suas práticas e culturas, sempre em luta, isto é, menosprezando certos sujeitos (por exemplo, sujeitos com nanismo) e privilegiando outros (sujeitos defensores de certa estética belo-europeia e acrítica).

Nossa metodologia consistirá em refletir o conceito freireano de *leitura do mundo*, sugerindo-lhe três passos de aplicação. Nesses três passos, interessa-nos sobretudo a produção de sentidos políticos e sociais, e historicidades dessa dinâmica. O que significa que o ato de ler, para nós e para nossa metodologia é uma construção política, no sentido particular de explicitar dinâmicas de sujeitos opressores – por exemplo, sujeitos agentes da disneyficação – versus sujeitos oprimidos – por exemplo, sujeitos representados com nanismo de performance circense. Ambos constitutivos do *live action* Branca de Neve (Webb, 2025).

## 1. A LEITURA DE MUNDO DE FREIRE: A PROPOSTA DE UMA APLICAÇÃO LINGUÍSTICA

O tema “leitura” não é objeto isolado em si nas obras de Paulo Freire. Ler é um fenômeno pensado ao longo de sua produção. Contudo, uma definição clássica (Freire, 1982, p. 9, grifos nossos) de *leitura do mundo* nos é inicialmente pertinente: “A leitura do mundo **precede** a leitura da palavra, daí que a **posterior** leitura desta não possa prescindir da **continuidade** da leitura daquele”.

Nossos grifos irão marcar procedimentos de análise: segundo Freire (1982), o leitor *lê o mundo* quando procede a *gestos precedentes*, *gestos contínuos* e *gestos posteriores*. Dito tecnicamente, desenvolvemos essa proposta por base linguística, ao lecionar que o fenômeno da leitura, em Freire,



tem ao menos três gestos: *a leitura precedente, a leitura posterior, e a leitura contínua*. Obviamente, essa divisão não é estanque na sua prática, e é apenas analítica.

Outro ponto fundante de nossa postura teórica, é que estamos falando de um conceito de político do conceito de *ler*. Isto é, para além dos pressupostos argumentativos e discursivos aqui assumidos, acentuamos sobretudo que ler é sobretudo *conscientizar-se* para *transformar* o mundo. Como bem explica Freire (1996, p. 40): “Ler e escrever as palavras só nos fazem deixar de deixar de ser sombra dos outros quando, em relação dialética com a ‘leitura do mundo’, tem de ver com o que chamo de ‘re-escrita’ do mundo, quer dizer, com sua transformação”. Lê-se para engajar-se em certa transformação social. Além disso, os leitores atentos das teorias Semântica Argumentativa e Análise de Discurso perceberão a possibilidade de diálogo entre tais teorias e Freire (1982), porque tais teorias também consideram uma anterioridade (por exemplo, o interdiscurso para a Análise de Discurso e a pressuposição – histórica e intertextual – para a Semântica Argumentativa). A diferença, ou contribuição freireana, é que o passado é *deflagrado para transformar o presente e o futuro*, como mostra esse excerto acima.

Nosso objetivo, aqui, não é teórico, ao triangular aproximações e distanciamentos teóricos, o que já fizemos em outras ocasiões (Machado, 2019, 2024). Nosso objetivo é analisar um corpus feérico, a representação do sujeito com nanismo no *live action* (os sete anões), à luz dos conceitos de *ler contos de fadas* (sempre sócio-politicamente, como defendemos) e *ler o mundo* (pelos gestos de leitura precedente, contínua e posterior, que propomos à luz de Paulo Freire). Assim, por um método de aplicação tripartida da leitura desenvolvido por nós, nada lógico e nada estanque ou limitado, para nós, ler trata-se da produção dos sentidos sócio-políticos via gestos de análise que deflagrem “um antes”, “um agora” e “um depois”, que juntos são o efeito de leitura, ou simplesmente a leitura. Leitura essa que precisa engajar-se em dinâmicas transformadoras (porque, para Freire, lê-se para transformar o mundo).

Assumimos, em conjunto com Freire (1982), Ducrot (1987) e Pêcheux (2008, 2009), portanto, que o gesto de leitura extrapola os limites da textura (assumimos pressupostos da linguística textual que se afasta da concepção de texto enquanto “aquilo que tem limites exatos de começo, meio e fim”). Conclamamos, assim, para o gesto de ler e de ler um texto, materialidades abstratadas não-ditas, mas significadas de alguma forma. É essa leitura do invisível extra-textura que nos interessa, e que deflagaremos pelo conceito de *leitura de mundo* por aplicação linguístico-argumentativa, discursiva e freireana.

## 2. DISNEYFICAR – OU NÃO TRANSFORMAR O MUNDO

Se para Freire lê-se para transformar o mundo, criticamente, para a Disney, lê-se para não mudar o mundo, preservando estereótipos e significações antigas, significações que beneficiam certos



sujeitos. Por exemplo, como adverte Coyne *et al.* (2016), lê-se certo conto de fadas para perpetuar que princesas, como Branca de Neve, devem ser magras, belas, em beleza padrão europeia, do tipo branca, macerrima, traços finos, tez clara, dentes corretos, nariz pequeno etc.<sup>1</sup> Estética que fomenta o mercado da cosmética e privilegia quem pode pagar por um corpo inalcançável. Já à luz de Freire, lê-se as princesas para problematizar essa beleza principesca: “deve-se ser bela para agradar a quem?”...

De outra ponta, é interessante considerar que *ler contos de fadas* é, já perpassar uma recepção e aprovação de público em geral (Coelho, 2020): a linguagem das fadas (arquétipos de Branca de Neve, de bruxa, de anões etc, como propõe Von Franz (1995) já estão previstos em uma linguagem partilhada universalmente (o que Ducrot (1987) chama de significação, partilha estagnada, convencional). Mudar essa significação, isto é, enunciar essas significações convencionadas por versões atuais, à luz de problemáticas sociais e históricas e atuais, como imigrantes, inclusão, tentativa de esquivar-se de preconceitos par com anões etc. (o que Ducrot (1987) chama de sentido, resultado do uso), já direciona o sentido para: boa obra ou má obra. O povo “leitor” – certa comunidade linguística que partilha significações convencionais – é quem, portanto, legitima o conto de fadas moderno, porque *participa, com seus valores* – e isso é leitura, e é leitura de contos de fadas.

Daí haver já, previamente, quem ratifica e quem retifica o novo *live action* de Branca de Neve. As empresas Disney profissionalizaram-se nesse “termômetro social”, já que a atenção à recepção de uma obra não significa necessariamente ética ou respeito, mas significa primariamente lucro, uma vez que os mecanismos empresariais e neoliberais atuais especializaram-se “naquilo que o povo quer ouvir para vender o que o povo quer ouvir”. Temos defendido que a Disney prevê um cliente, e não um sujeito crítico: contos de fadas disneyificados devolvem ao consumidor (e não a um sujeito) a ideologia pretendida imaginada naquele produto vendido. O que requer sua aceitação prévia. É essa aceitação prévia o argumento que orientou o resultado final do *live action* de Branca de Neve (2025), bem distinto dos roteiros originais.

1 Sobre o ideal da magreza enquanto inserção de sucesso social, discorre Coyne *et al.* (2016, p. 1911, tradução nossa, grifos nossos) sobre o impacto negativo traumático em níveis profundos que tal ideologia causa nas crianças: “A princesa típica é retratada como jovem e atraente, com olhos grandes, nariz e queixo pequenos, seios moderadamente grandes, maçãs do rosto proeminentes, cabelo brilhante e bom tônus muscular e com pleição da pele (Gangestad & Scheyd, 2005; Lacroix, 2004). [...] Além disso, as princesas geralmente incorporam uma forma de mídia “magra-ideal”, o que significa que elas representam uma figura feminina irrealisticamente magra como a mais positiva e desejável (Lacroix, 2004). Estudos têm mostrado que já na pré-escola, as crianças começam a expressar uma preferência por tipos de corpo magros, e **meninas com apenas 5 anos de idade expressam medos de engordar ou mostram problemas com a autoestima corporal, uma autoavaliação do próprio corpo e aparência**” (Tremblay *et al.*, 2011).

A disneyficação<sup>2</sup> – termo caro aos analistas feéricas, portanto, não tem compromissos sérios com a criticidade que seus personagens geram, mas com o mercado que seus personagens fomentarão. O que nos interessa nesse modo de enunciar contos de fadas, disneyficando-os, é a acriticidade por eles produzida, como temos defendido (Machado, 2024, p. 18): “no que nos interessa, trata-se de enunciar os contos de fadas controlando seus sentidos, e deixando esses sentidos disneyificados, isto é, sempre ingênuos e superficiais, seguros de outras interpretações possíveis. E nessa alienação as massas compreendem contos de fadas”.

### 3. A PERPETUAÇÃO DOS SUJEITOS INVISIBILIZADOS: OS ANÕES DISNEYFICADOS

Passemos ao gesto de aplicar o conceito de *ler contos de fadas* (sócio-politicamente, como temos proposto) ao sujeito “anão”, no *live action* de Branca de Neve (Webb, 2025). O que faremos operando o corpus dos “anões” do *live action* por uma apropriação argumentativa e discursiva do conceito de *leitura de mundo*, de Paulo Freire.

#### 3.1. A LEITURA PRECEDENTE: O NANISMO E SUA DURA LUTA HISTÓRICA PARA PODER EXISTIR

Ler o símbolo “anão”, no longa-metragem Branca de Neve (Webb, 2025), significa, primeiro, realizar um gesto de *leitura precedente*, nos termos de Freire (1982), que vem antes do conto, o que o mundo diz sobre os anões (nos mitos, lendas nórdicas e germânicas, como peritos na forja, tal como Thor lhes deve seu famoso martelo. Como temos dito (Machado, 2024), “são associados tradicionalmente ao trabalho, particularmente à mineração porque, sendo artífices de metais, preferiam trabalhar em galerias subterrâneas onde a terra escondia preciosos tesouros”. A leitura precedente também significa conhecer outras versões de Branca de Neve, e outros modos de considerar os anões, nosso objeto de recorte.

Ao linguista ou literato atento, é perceptível que o gesto de leitura precedente freireano pode, à primeira vista, coincidir ou conforma-se ao conceito de intertexto, ou conceito de interdiscurso. O que é parcialmente verdadeiro. O que Freire leciona é que o conceito de história – aqui deflagrado pelo conceito de leitura precedente – não se resume apenas na “visita a um outro texto”

<sup>2</sup> Conforme o Merriam-Webster Dictionary (1959, s.p., grifos nossos): “Disneyficação (substantivo): a transformação (de algo real ou perturbador) em entretenimento cuidadosamente **controlado** e **seguro** ou em um ambiente com qualidades semelhantes”.



(o intertexto) ou na visita a um “já dito” (interdiscurso pecheutiano). O conceito de história de Paulo Freire (2017)<sup>3</sup> revela, nos textos visitados ou já ditos em memória, a *luta histórica de um povo*. Pois, em Freire (2017), é a luta que dá identidade a certo sujeito. Assim, os anões são o que são pelas suas lutas precedentes que lhes identificam, lhes dão essência e, semanticamente, lhes dão significado (Ducrot, 1987).

É, contudo, gravosa a leitura precedente do sujeito anão, porque conduz o leitor a uma história de luta e resiliência do nanismo frente ao preconceito histórico que os anões sofreram (e sofrem) ao longo dos séculos, o que afeta o ato de ler esses anões, hoje. Uma leitura mais cuidadosa não escapará da leitura precedente de um passado de difícil existência dos anões, inscrito em espessuras dolorosas de uma existência social, “marcadas pelo estigma e marginalização do desigual inferiorizado, caracterizadas por episódios cotidianos de sangue, dor, fome e luta desigual pela sobrevivência e contra a higienização do atípico” (Machado, 2024). Assim, a história dos sujeitos anões, ou sua leitura precedente, expõe uma prática histórica circense e de exposições em shows de aberrações, perpetuando a significação (o semântico partilhado, universalmente) da inferiorização do nanismo, ou naturalização do preconceito ao nanismo, ou o preferido da Disney da década de 30: o nanismo enquanto objeto do riso, que refletiremos abaixo.

Contudo, ainda é importante considerar o papel de respeito que os anões cunharam nos contextos da mitologia e da antiguidade. Sua função de apoio ao sucesso é rememorada, por exemplo, ao forjar o martelo de Thor e em forjar e construir peças preciosas de toda natureza, para protagonistas triunfarem suas lutas. Oliveira (2022, s.p.) destaca o nanismo enunciado por Tolkien, pelas significações de “coragem, perseverança, lealdade nas batalhas e personalidade forte”, como ela mesma descreve:

Diferentemente de caricaturas populares de ridicularização de pessoas com nanismo, Tolkien descreve a criação destas para serem fortes, amadas e ensinadas por Aulë, a tal ponto de terem um idioma próprio. A criação foi dos Sete Anões. O número sete é emblemático na literatura de Tolkien. Significa a vida, a ordem, a completude e a evolução (Oliveira, 2022, s.p.).

A autora apresenta inclusive, no site do Instituto Nacional de Nanismo, uma imagem que antecede seu artigo, e que designa o nanismo valorizando-o na característica de guerreiro, refutando a leitura precedente disneyficada em caricatura:

<sup>3</sup> Para fornecer ao menos uma das definições do conceito de história em Freire (2017), nessa direção de história das lutas dos sujeitos, temos, por exemplo, a citação a seguir (Freire, 2017, p. 62-63): “uma época histórica representa, assim, uma série de aspirações, de anseios, de valores, em busca de plenificação. Forma de ser, de comportar-se, atitudes mais ou menos generalizadas, a que apenas os gênios, os antecipados, opõem dúvidas ou sugerem reformulações”.



Figura 1. Nanismo Brasil. Fonte: Instituto Nacional de Nanismo (2022)<sup>4</sup>.

Pela leitura precedente vislumbramos, portanto, que o nanismo possui tanto um respeito histórico-literário, quanto uma história de dura vida social marginalizada em espetáculos circenses e exposições como aberrações. E qual das duas leituras precedentes o *live action* de Branca de Neve, de 2025, mobiliza? Veremos que é a palhaceira, ratificada pela mundialidade, em 1937, e continuada no atual *live action*, que veremos.

### 3.2. BRANCA DE NEVE DE 1937: OS ANÕES ENQUANTO OBJETO DO RISO – ESTRATÉGIAS PARA NATURALIZAR O PRECONCEITO

O eco semântico da leitura precedente do preconceito histórico ao nanismo é reforçado pelo longa-metragem premiado da Disney, em 1937.

Ainda na leitura precedente, anterior ao *live action* que refletiremos, temos os anões de 1937 com valores/significações que anulam o respeito e admiração mitológicos, na sua maioria (Ducrot (1987) e Carel (2011) diriam, pela polifonia, que a voz mitológica do anão, que o valoriza, é excluída nessa animação). Resta a positividade do trabalho pesado, que ali valorizava os anões, e ação pelas quais eles são conhecidos e, sem deixar de lado, a propaganda capitalista, nunca deixada de lado.

Supervalorizando o trabalho somado ao anfitriônato, os anões disneyificados da m Branca de Neve da década de 30 são palhaços, criticados por Bettelheim (2002), cujo valor tem ápice em atuações palhacecas, de estética circense, inclusive, inventando-se nomes próprios da cultura de

<sup>4</sup> Disponível em: [https://institutonacionaldenanismo.com.br/artigos\\_inn/anoes-ou-guerreiros-nanismo-retratado-na-literatura-fantastica/](https://institutonacionaldenanismo.com.br/artigos_inn/anoes-ou-guerreiros-nanismo-retratado-na-literatura-fantastica/). Acesso em: 26 fev. 2025.

circo, à guisa de trejeitos repetidos ou comportamentos: Soneca, Dengoso, Feliz, Atchim, Mestre, Zangado e Dunga (Ducrot (1987) diria, pela polifonia, que a voz circense do anão, que lhe lega o lugar do riso, é *posta* nessa animação). Assim, pela leitura precedente de Branca de Neve de 1937, a Disney apaga o valor mitológico nobre do anão e promove o retorno ao circo histórico os anões, como observamos nos recortes:



Figura 2. *Snow White*. Fonte: Disney, 1937)<sup>5</sup>.

Se a leitura precedente não tem exatamente um compromisso com um conto específico, porque é de natureza dispersa, a leitura posterior reclama um conto específico, porque lida com a palavra (no vocabulário de Freire (1982)) ou o enunciado (no nosso vocabulário, de Ducrot (1987)).

### 3.3. A LEITURA POSTERIOR

A leitura posterior ocupa-se localizadamente da textura em tela, aqui o nanismo no *live action* de Branca de Neve, sempre afetada pela leitura precedente. Assim, debruçar-nos-emos agora sobre as representações dos anões enunciados no *live action* de Branca de Neve de Webb (2025).

É ainda produtivo pontuar que, para ler tais personagens, devemos levar em conta sua polêmica criação. Após críticas do afamado ator Peter Dinklage, as empresas Disney sentiram-se forçadas a repaginar seus roteiros iniciais e, pressionada por grande público e fãs em vários países, decidiram finalmente em não dar o papel para nenhum ator, mas construir os sete anões com nanismo por tecnologias de CGI<sup>6</sup>. Por uma leitura crítica percebe-se que é difícil, claro, colocar qualquer ator, qualquer nome, em lugar circense. Manteve-se, portanto, o lugar circense – os anões – mas evitando-se uma particularidade de algum ator, que poderia fomentar ainda mais a polêmica.

5 DISNEY, *Snow White* (1937). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-sxbZ70VRsg>. Acesso em: 27 fev 2024.

6 CGI – Computer Generated Imagery (imagens geradas por computador). Trata-se de tecnologia comum para produção cinematográfica, de games, publicidades, de arquitetura e de demais artes visuais ou efeitos especiais digitais.

Fato é que não há novidades grandes ou repaginações diferentes daquelas de 1937: temos ainda sete caricaturas, com os mesmos nomes caricatos, que preservam seus números circenses, tal como dormir mesmo diante do susto de encontrar Branca de Neve:



Figura 3. *Snow White*. Fonte: Webb (2025)<sup>7</sup>.

Tal como o tradicional número de ter um bicho ou algo engraçado na cabeça, aqui um esquilo:



Figura 4. *Snow White*. Fonte: Webb (2025).

E tal como apresentar exageros próprio da caricatura histórica, como orelha grande, nariz grande, barriga grande:



Figura 5. *Snow White*. Fonte: Webb (2025).

<sup>7</sup> WEBB, Snow White. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iV46TJKL8cU>. Acesso em: 26 fev 2025.

E ainda com uniformes engraçados, mais para identificá-los em um grupo cômico que para caracterizar os sujeitos trabalhadores da época (que deveriam vestir-se em trapos, carregar sujeiras de carvão e cansaço físico, dentre outras características):



Figura 6. *Snow White*. Fonte: Webb (2025)

E mantendo, finalmente, seus nomes de palhaços – determinamos por dinâmicas ou trejeitos – marcados nas mesmas camas, que apenas reproduz, sem mudanças significativas, a cena da futura mulher que se ocupará do lar, e, portanto, não deve sair de casa, que é descoberta pelos homens, responsáveis pelo trabalho, e por isso autorizados a sair de casa (servidão doméstica de um grupo de sete homens, mas enunciada de modo desejável, desrealizada da negatividade, como diria Ducrot (1987)):



Figura 7. *Snow White*. Fonte: Webb (2025).

Tais significações, enunciadas imageticamente, e produtivas quando perpassam esses dois passos metodológicos, a leitura precedente e a leitura posterior, inauguram o gesto final de análise, a leitura contínua.



### 3.4. A LEITURA CONTÍNUA

Do confronto entre *leitura precedente* de “valorização mitológica do anão, e suas lutas frente ao estigma e marginalização social” versus a *leitura posterior* do *live action* da “desvalorização circense do anão, e suas perpetuações de estigma e marginalização social”, produzem-se sentidos de uma *leitura contínua* do nanismo, aquela que “não acaba”, que continua na vida do leitor, e que conclama a uma transformação do mundo, (já que *ler*, para Freire (1982), é projeto de conscientizar-se e engajar-se na transformação do mundo).

O choque significativo do heroico mitológico versus o sujeito infantilizado e caricaturado para rir, orienta para o papel da criticidade no *live action*. Orienta também para o convite a propostas de *transformação do mundo*, sobre o nanismo, que continuará a leitura – daí leitura contínua –. Daí a pergunta chave, que a leitura contínua suscita em debate:

- por que ninguém pode ocupar o lugar do anão, em Branca de Neve, a ponto de forjar um CGI nesse papel?

(Não) Ser anão, em Branca de Neve, é possuir qual valor? (as perguntas, em Freire, fazem parte do método de leitura). O nanismo, hoje, significa protagonizar ou coadjuvar o que e com quem? Como confrontar e recriar, à luz de valores atuais, uma cultura do preconceito em cultura da inclusão social, enquanto *leitura contínua* da luta do sujeito com nanismo, nas sociedades?

## 4. CONCLUSÃO

Nossa discussão tem cunho teórico no que tange à uma proposta de aplicação do conceito complexo, amplo, interdisciplinar e nada lógico de *leitura do mundo*. Propomos um procedimento triplo – leitura precedente, leitura posterior e leitura contínua – afetados por preocupações linguísticas, próprias da semântica e do discurso, à luz de autores como Ducrot (1987) e Pêcheux (2008), dentre outros.

Ao propor uma operação em tríade não pretendemos esgotar um conceito que em si é inesgotável: a leitura. Mas propomos, sim, um modo de poder navegar em espessuras paradoxais, tênues e turbulentas, que fundam a semântica. Para Freire (1982), ler é produzir sentidos sobre a linguagem do/no mundo, e ser produzido enquanto sujeito (oprimido? Privilegiado?) nesse processo. A questão toda nasce dessa consciência. Daí os contos de fadas tornam ferramenta política poderosa, porque constitui-se de instrumento de conscientização, como temos defendido.

No que tange ao corpus, as representações (leituras) dos sujeitos com nanismo no *live action* disneyficado de Webb (2025), a polêmica sobre dar voz, e que tipo de voz, para sujeitos com nanismo, revela uma discussão discursiva que requer leitura refinada, precedente, posterior e

contínua. Ou como temos dito (Machado, 2024), a polêmica tem trocado uma causa nobre pela mera possibilidade de manter ou não a participação de sujeitos anões no remake, enquanto poderia propor a continuidade consciente – uma leitura contínua – da questão semântica da presença do anão: a questão do respeito para com os anões não se soergue sobre sua presença, mas sobre como ele é dito no conto de fadas

Finalmente, a leitura deve ultrapassar o sedutor universo da arte, expertise das empresas Disney, para gestos de leitura crítica por sobre espessuras enunciativas do tipo política e social, como produzir opinião sobre lançar mão de certos contextos amplos: como podemos ler os grupos sociais dos camponeses (anões) e da monarquia (Branca de Neve)? Os anões são arquétipos de camponeses patriarcais, que historicamente têm dura lida de trabalho e não há mulheres na sua micro-sociedade porque elas, historicamente, têm que trabalhar em casa.

A animação perpetua e vende essa doxa (significações que compõem o senso comum) enquanto “normalidade”, pelo modo de dizer de desenhos infantis circenses, como vimos, “engraçadinhos”, com “carinhas fofinhas” – como os anões Disney são apresentados. Temos concluído (Machado, 2024) que o sujeito falante Disney diz, pelos locutores anões, que vale a pena entregar-se ao trabalho duro, que é virtude o cotidiano explorador dos anões, que há dignidade em reduzir-se a uma existência braçal, e entregar-se a uma vida de trabalho duro e insalubre no campo e nas minas – trabalho tradicional e culturalmente másculo na época. E nessa alegria de cantar sua exploração, os anões vivem o contexto da falta de alguém para a lida do lar, porque significaria ter que trabalhar menos para ocupar-se com lidas domésticas.

Para além do *remake* (porque o *live action* não se limita em si, mas recorta a miríades de versões dispersas, conhecidas e não conhecidas, e essa dispersão é a condição da leitura), a mulher doméstica significa, em Branca de Neve, a possibilidade para o homem camponês trabalhar mais, ser mais explorado, porque não precisa ocupar-se da casa.

Carel (2011) diria, tecnicamente, que se trata dos aspectos recíprocos fundadores sociais da época: [existência de mulher doméstica, portanto, maior garantia de exploração de trabalho do homem] e sua negativa: [NEG-existência de mulher doméstica, portanto, NEG-maior garantia de exploração de trabalho do homem]<sup>8</sup>. E, obviamente, essa leitura política e social é apenas uma das muitas vozes possíveis nesse conto. Como leremos a totalidade desse filme, por um gesto de leitura contínua? Para transformar o/qual mundo?

8 Como já vimos anteriormente, trata-se do uso de duas fórmulas básicas da Teoria dos Blocos Semânticos (atual fase da Semântica Argumentativa): [X portanto Y] e sua recíproca [NEG-X portanto NEG-Y]. Onde NEG significa “negação”.



## INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

### CONFLITO DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

### DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados analisados foram transcritos no texto.

### DECLARAÇÃO DE USO DE IA

O autor declara que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada na criação deste manuscrito, nem em qualquer aspecto dos trabalhos realizados cujo resultado está reportado no manuscrito.

### AVALIAÇÃO E RESPOSTA DOS AUTORES

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2025.V6.N5.ID828.R>

Resposta dos Autores: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2025.V6.N5.ID828.A>

### REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COYNE, Sarah M.; LINDER, Jennifer Ruh; RASMUSSEN, Eric E.; BIRKBECK, Victória; NELSON, David A. Pretty as a Princess: Longitudinal Effects of Engagement With Disney Princesses on Gender Stereotypes, Body Esteem, and Prosocial Behavior in Children. *Child Development*, v. 87, n. 6, p. 1909–1925, 2016.

DISNEY, Walt. *Snow White*, 1937. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-sxbZ70VRsg>. Acesso em: 27 fev 2024.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

CAREL, Marion. *L'entrelacement argumentatif: lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris: Honoré Champion, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2020.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.



MACHADO, J. C. Análise de discurso e semântica argumentativa: uma leitura argumentativa do interdiscurso. *Signo*, v. 44, n. 80, p. 44-58, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v44i80.13203>. Acesso em: 06 março 2025.

MACHADO, J. C. *Ler contos de fadas e superar a disneyficação: uma abordagem argumentativa, discursiva e freireana*. Campinas: Pontes, 2024.

OLIVEIRA, Luciana Silva. "Anões" ou guerreiros: nanismo retratado na literatura fantástica. In: INSTITUTO NACIONAL DE NANISMO, 2022. Disponível em: [https://institutonacionaldenanismo.com.br/artigos\\_inn/anoes-ou-guerreiros-nanismo-retratado-na-literatura-fantastica/](https://institutonacionaldenanismo.com.br/artigos_inn/anoes-ou-guerreiros-nanismo-retratado-na-literatura-fantastica/). Acesso em: 26 fev. 2025.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

VON FRANZ, Marie-Louise. *L'interprétation des contes de fées*. Paris: Albin Michel, 1995.

WEBB, Mark. Walt Disney Pictures; Marc Platt Productions. *Snow White*. Official Trailer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iV46TJKL8cU>. Acesso em: 26 fev 2025.